

ROMANCE E RUA: ENTRELAÇAMENTOS

IVETE LARA CAMARGOS WALTY

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais – PUC Minas.



presente volume é fruto de um encontro realizado pelo grupo ligado ao desenvolvimento do projeto de pesquisa “Da rua: olhares sobre histórias da literatura brasileira”, coordenado por mim. Tal evento, intitulado “O romance: acolhendo outros gêneros”, reuniu doutorandos, mestrandos, bolsistas de Iniciação científica que ora publicam os textos apresentados, todos eles resultantes de projetos desenvolvidos no seio do grupo em questão. Como convidado contou-se com a presença do Professor da Universidade Federal do Paraná, Luís Bueno, importante pesquisador do romance de 30, que proferiu a conferência “O homem, não a terra: regionalismo e alteridade na ficção brasileira”. As professoras Márcia Marques de Moraes e Maria Nazareth Fonseca dialogaram com o conferencista, propondo questões que renderam um bom debate.

Ao tecer considerações sobre o que Lúcia Miguel Pereira, discorrendo sobre o regionalismo, chama de “turismo literário”, Bueno agrega à sua exposição a questão da dificuldade de se lidar com o outro. É então que analisa dois contos, “ligados apenas pela tematização da violência”: “A esteireira”, de **Pelo sertão**, de Afonso Arinos, e “Força escondida”, de **Leréias**, de Valdomiro Silveira. Propõe depois alargar a reflexão sobre turismo e exotismo com a análise da alteridade em romances de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Marques Rebelo, evidenciando suas peculiaridades no tratamento da questão, como, por exemplo, o afastamento

do exotismo mesmo no âmbito do que trata como “turismo de classe”. O autor continua a discorrer sobre a figura do outro, levando em consideração a relação entre o letrado e o iletrado e aí introduz, em diálogo com a crítica, uma leitura de **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa. Afirma então:

O que Guimarães Rosa faz, nessa perspectiva, é uma forma de turismo com uma consciência extremamente aguda do problema que envolve a alteridade e a identidade. Não busca suprimir distâncias que existem, mas uma forma estética capaz de produzir uma síntese na diversidade.

(BUENO, 2009).¹

Todas as citações referem-se à conferência proferida por Luís Bueno no evento em pauta.

Luís Bueno, ele mesmo sensível à causa do outro, aponta tal sensibilidade em Guimarães Rosa, mostrando como “o mundo arcaico do iletramento habita o escritor-turista, que passa a escrever numa língua que é uma complicadíssima operação erudita feita com a matéria-prima do iletrado”.

Em seguida, discorre sobre a literatura contemporânea, e, passando pelo mundo urbano de Rubem Fonseca, pergunta-se, com Antonio Candido, se o tratamento da questão social não se configura como uma nova forma de exotismo. É então que introduz uma problemática cara ao grupo de estudos “Da rua”, o que chama “ponto de vista interno”, quando as classes subalternas, contando sua história, passam de objeto a sujeito. Retoma então a crítica de Schwarz ao livro **Cidade de Deus** e conjetura:

Nessa perspectiva, o ponto de vista interno quase se resolve sozinho: se o mundo do outro é o nosso, a perspectiva do pesquisador e a do pesquisado, ou, dizendo de outro modo, a perspectiva do professor (e do estudante de pós-graduação) letrado e a do morador da favela iletrado ou semiletrado aproximam-se.

(BUENO, 2009).

Por isso mesmo, interessa-nos ainda reproduzir aqui o fechamento da conferência, quando conclui Luís Bueno que

a percepção de que o problema do crítico hoje é o de lidar com uma tradição longa, que nos constitui e, ao mesmo tempo, enfrentar o desafio de analisar certos desdobramentos contemporâneos do problema do “ponto de vista interno”, por exemplo, que se repõe em certa literatura recente “da periferia” ou “marginal”. (BUENO, 2009).

É dessa literatura da periferia ou marginal que vimos tratando no grupo de estudos “Da rua: olhares sobre histórias da literatura brasileira”, na medida em que nos interessa o jogo entre sujeito e objeto no que diz respeito à composição do texto que ora é escrito por esses sujeitos, ora os tem como parte da composição de terceiros.

Nesse sentido, rua e romance se aproximam enquanto lugares de encontros e desencontros, espaço de cruzamento de histórias, mesmo que apagadas ou diluídas na voz do outro. É disso que tratam os textos dos alunos, essa difícil forma de lidar com, de viver com, na análise de romances como **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, por Bruno Henrique Muniz Souza; **Capitães de areia**, de Jorge Amado, por Vinícius Lourenço Linhares e os 4 livros que compunham até o momento a pentalogia **Inferno provisório**, de Luiz Ruffato, por Marcelo Antônio Ribas Hauck. Acrescente-se a leitura do livro **O quieto animal da esquina**, de João Gilberto Noll, em artigo escrito por Fernanda Dusse. Ao lado desses, sempre considerando o diálogo com o gênero romance como aquele que acolhe outros gêneros, são analisadas as crônicas de Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio, por Raquel Solange Pinto, bem como as de Carlos Drummond de Andrade sob os pseudônimos Antonio Crispim e Barba Azul, por Alfredo de Oliveira Lima. Conto e romance dialogam na relação estabelecida por Valéria Machado entre “O ladrão” e **São Bernardo**, ambos de Graciliano Ramos. Poemas de Mário de Andrade também são analisados na perspectiva das configurações da cidade por Maria do Carmo Moreira dos Santos.

Esta publicação, como o evento, pretende-se, pois, como um lugar de encontros, uma rua e suas esquinas, onde se pode encontrar o outro e suas histórias.